

O gênero relato de viagem e a construção dos sujeitos: impressões e distorções a partir do olhar

André Luiz de Faria¹
Universidade Federal de Santa Catarina

De acordo com alguns estudiosos, a partir dos séculos XV e XIX, graças ao ávido mercado editorial, os relatos de viagem ganharam força e adeptos em números cada vez mais crescentes; um processo que permanece até os dias de hoje. Embora os estudos críticos dos relatos de viagem tenham progredido bastante nas últimas décadas, para alguns historiadores esse tipo de literatura permanece com seu corpus textual pouco definido. Ainda assim, por acreditarmos na riqueza de informações que podemos extrair do tema, o usaremos como objeto para discorrermos sobre os deslocamentos dos viajantes, tal como suas percepções, embasadas no subjetivismo, e, as deformações de caráter interpretativo ocorridas ao longo do processo de transculturação ocorrido durante o contato entre sujeitos separados anteriormente pela geografia. Pensamos que o choque cultural pode ser muito positivo para que culturas distintas possam conhecer-se e modificar-se ao conhecer o outro.

Desconstruir a simbologia que envolve o ato de viajar em prol da informação, demanda que ele, o sujeito viajante, se atenha a cada detalhe que deseja relatar sem emitir opiniões subjetivas que modifiquem as realidades encontradas. Uma das características negativas do relato de viagem; refere-se justamente ao fato de se está contando ou não a verdade sobre os conteúdos elaborados, se o viajante interpretou ao seu modo o que relatou ou se os acontecimentos foram criados por um interlocutor que se quer esteve presente na cena descrita. Anne Junqueira (2011, p. 46), corrobora que “as dificuldades com relação à definição da fonte começam quando se constata que basta alguém se deslocar de um lugar ao outro e escrever um texto sobre a experiência para que este seja considerado um relato de viagem, mesmo que o autor não tenha saído de casa.”

Portanto,

¹ Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução (PPGET) / Departamento de Letras e Línguas Estrangeiras (DLLE). E-mail: dedefaria1@hotmail.com.

Em viagens científicas dos séculos XVIII e XIX, era comum os oficiais coletarem espécimes que eram classificados e analisados por respeitados naturalistas em terra, quando não havia um especialista a bordo. Mas, mesmo se houvesse, seria possível que um cientista renomado, que não tinha participado da viagem propriamente dita, fosse convidado para analisar o material coletado e viesse a contribuir com o relato de viagem (JUNQUEIRA, 2011, p.52).

Acreditamos, que ao agir de forma dedutiva, o interlocutor estrangeiro incorre o risco de deslegitimar sua narrativa, criando um contexto que não condiz com a realidade presenciada por ele, mas, pelo seu desejo de interferir nos acontecimentos contados por ele. Entendemos que ao se relatar realidades de outras culturas, paralelamente, se constrói verdades, portanto, deve-se considerar fatores culturais, filosóficos e históricos como essenciais ao invés de idealismos puros; cercados de conceitos pré estabelecidos. Contudo, o processo de imersão em culturas outras, demanda reconhecer aspectos relacionados a seus contrastes, aos possíveis choques identitários, aos dogmas e aos distanciamentos culturais entre os sujeitos; em lugar das alegações e apagamentos advindos das comparações entre as culturas a partir de um só ponto de vista. Apesar dos alguns aspectos perigosos e tendenciosos que citamos; ao longo do tempo, os relatos de viagem se transformaram em uma prática essencial para entendermos a conformação cultural dos povos, além de transformar-se em uma fonte riquíssima de produção do conhecimento.

1. A importância dos relatos de viagem

Os estudos e as pesquisas a partir dos relatos de viagem foram fundamentais e necessários para que não só o mundo passasse a conhecer culturas distintas, mas, também, para que gerações futuras da cultura relatada pudesse conhecer-se, entender-se e encontrar-se por meio do que foi registrado sobre seus antepassados. A atividade de relatar fatos vai muito além da simples aventura. Ela torna-se história e ciência. E isso só foi possível devido à crescente demanda por locomoção, vivida nas grandes capitais a partir da segunda metade do século XIX e alavancada, principalmente, pela Revolução Industrial. Desde então, o número de pessoas que se aventuram pelo mundo cresceu vertiginosamente. Um movimento que atravessou o século e cresceu paulatinamente nas décadas seguintes. Como reflexo desse movimento, conseqüentemente, houve um aumento no número de relatos de viagem publicados.

Assim,

um dos aspectos que mais contribuiu para as diferenciações das viagens do século XX foi o aumento da facilidade de locomoção, como consequência dos incrementos na mobilidade a partir da década de 1840. A amplitude de linhas de trem, de companhias de navios a vapor, como efeito do imperialismo emergente, e, posteriormente, o surgimento de companhias aéreas permitiram a circulação de pessoas no mundo de uma maneira até então nunca vista (CARR, 2005, p.70 apud TORRES, 2012, p. 317).

Se pensarmos na história moderna, os indivíduos sempre desejaram contar aventuras próprias ou alheias em terras estrangeiras. Prova disso, são os diários: pessoais e de viagem, que não deixa de ser pessoal, como uma das práticas mais antigas do mundo. Através dos relatos de viagem, pesquisadores conseguiram nos revelar detalhes, costumes e curiosidades sobre diversas culturas em distas épocas. Com o passar dos tempos, aqueles que publicaram seus relatos de viagem² acabaram legitimados como testemunhas importantes e agentes ativos na contribuição com um gênero cada vez mais em voga. Além de reforçar a gigantesca valia dos relatos de viagem na transformação de si e do outro, seja ele o narrador, tocado pelas realidades vivenciadas ou o leitor que possivelmente fará dos relatos sua única fonte para conhecer outras realidades, por meio dos relatos foi possível acercar-se de fatos, supostamente reais, pertencentes à outras culturas que não teríamos como acessar. Entretanto, em muitos casos atribuiu-se ao sujeito narrado o papel de ator das histórias contadas a partir das realidades transversais que, por vezes, foram passadas de forma deturpada e/ou errônea a partir do olhar de alguém que interferiu naquilo que relatou. Ao nos debruçarmos sob o gênero relato de viagem constatamos que dificilmente encontraríamos um relato idêntico ao outro, pois, mesmo que os sujeitos estivessem no mesmo lugar, na mesma hora, relatando a mesma coisa; nenhuma percepção ou olhar seria igual.

Segundo Judith Hamera e Alfred Bendixen

As mudanças de local e tempo descritas nestes relatos são particularmente importantes, porque as maneiras como os sujeitos viam sua própria cultura, permaneceu, intimamente ligada a sua realidade, tal como seus compromissos imaginários com outros lugares e tempos. Esses textos constroem raça, gênero e normas de classe a partir das representações da personalidade dos viajantes (por exemplo, "O explorador varonil", "o Cavaleiro no exterior", "a aventureira"), impondo padrões e valores na veracidade dos fatos (HAMERA e BENDIXEN, 2009, p.3. Tradução própria).

² Aqui, me refiro àqueles que saíram do posto de anônimos aventureiros e foram alçados ao papel de escritores e autores ainda que por diversas vezes usaram de julgamentos e interpretações precipitadas.

Muitos livros de viagens possuem uma abordagem completamente diferentes umas das outras. Além de uma postura subordinada à apresentação de si mesmo, há um foco maior nos detalhes externos à natureza e à sociedade de um local específico. Devemos reconhecer a fluidez da escrita de viagem, mas também reconhecer que nem sempre ela surge de forma simples para dar resposta às particularidades históricas, políticas e estéticas de um dado contexto. Portanto, nenhum levantamento rápido de textos específicos e / ou autores é suficiente para abordar a rica complexidade desse tipo de escrita. Historicamente, a viagem de testemunho foi constituída por uma linha de discurso complexa, definidora e ao mesmo tempo valorizadora do movimento feito pelo viajante. Nesse caso, podemos compreender os relatos de viagem como uma maneira de atestar outras realidades através do olhar para se subtrair experiências próprias. Entender o outro e a si por meio da difusão, compreensão e valorização da narrativa que relata é pensar as estreitas relações entre viagem, escrita e leitura: movimentos passíveis de experimentações subjetivas ao narrador e intrínseca ao ato de narrar e aos fatos contados.

Por ser um instrumento muito usado e difundido durante os tempos, a literatura de viagem transformou-se em um precioso material científico constituído por; crônicas, por cartas, por diários, por fotografias e por desenhos que testemunharam importantes transformações sociais e culturais ao longo da história, além de resguardar muitas memórias ao longo dos tempos. Esse expressivo conjunto de obras produzido pelos viajantes acabou conhecido como *literatura de testemunho*³, gênero que carrega em seus registros a importância e a singularidade da observação, da análise e da catalogação de dados que nos auxiliou no acesso das realidades outras.

Em suma, os relatos de viagem foram fundamentais e necessários para que, tanto gerações futuras que foram relatadas, quanto as culturas que relataram, pudessem conhecer-se, entender-se e encontrar-se por meio do registrado de seus antepassados. A atividade de relatar fatos foi muito além da aventura. Ela tornou-se uma ciência que contribuiu muito com a história.

2. Os relatos, o olhar e a ética

Assumir o papel do viajante que escreve com imparcialidade, narra com legitimidade e fidelidade todos os fatos testemunhados por seus próprios olhos, pode ser

3 A literatura de testemunho é um tipo de escrita cujo foco central é narrar um acontecimento, na maioria das vezes, traumático e que, por determinadas razões, tem reverberações políticas, históricas e sociais.

uma tarefa bem complicada. A ética esperada nos relatos, além de fortalecer seu discurso, abre caminhos para que ele seja aceito e lido como fonte confiável dentro da cadeia de produção do conhecimento. Entretanto, essa ética literária, no caso dos relatos, não é algo nada fácil. Por vezes ela não acontece. A princípio, o viajante, ao se deparar com uma cultura distante da sua, acaba sucumbido pelo ímpeto do etnocentrismo ou da supremacia racial baseado em conceitos herdados da sua cultura; (des)construindo, precipitadamente, sujeitos outros. Como já dito anteriormente, o impacto entre o viajante e a cultura de chegada pode até ser importante durante sua experiência se pensarmos que o estrangeiro; ao sentenciar o sujeito antes de conhecê-lo (des)constrói-se e passa a conhecer a si próprio. Nesse sentido, quando se lê os relatos de viagens é necessário que se atente para o universo cultural do viajante já que suas observações ou impressões correm o risco de virem impregnadas por silogismos culturais e raciais intrínsecos ao sujeito que relata. Segundo Junqueira (2001, p.45), o olhar estrangeiro pode apontar “mais para o âmbito cultural do próprio viajante do que para o lugar visitado, ainda que [fale] também deste.”

Diante do paradoxo e da complexidade das viagens, não se deve esquecer que, tanto o deslocamento exercido pelo viajante, quanto os relatos e impressões descritos por ele, somado às interpretações que posteriormente surgirão por parte dos leitores; seguramente se modificarão devido ao julgamento do olhar estrangeiro sobre o outro. Em contrapartida, para o sujeito/os narrado/os, seu papel é como o de uma imagem no espelho, refletindo sua forma de ser, viver e se ver, projetadas dentro de outras imagens contidas nas narrativas daqueles que atentamente os observou. Como já afirmou Matta (1983, p.27), “cada sociedade humana conhecida é um espelho onde nossa própria existência se reflete.”

3. O viajante, o olhar e suas inferências

Para analisarmos os conceitos apresentados como verdades em um determinado relato é preciso entendermos qual é o lugar de fala de quem relata, quem está falando, como fala, o que fala e porquê fala, pois, ao se interpretar uma cena, uma ação ou um lugar, se pode chegar a inúmeras conclusões. Portanto, sabemos que não há uma verdade absoluta para as realidades. Ao se chegar em uma cultura adversa à de quem relata é comum que os fatos presenciados pelo sujeito que chega sejam interpretados de formas distintas e olhares distintos ao se deparar com o novo. É importante que se tenha critérios para afirmar a veracidade dos relatos de viagem, pois, as constatações de um

cientista são distintas dos relatos de um diplomata, que, por sua vez, são diferentes das narrativas de uma mulher. Logo, deve-se considerar a existência de muitos fatores internos que são determinantes para que o sujeito interfira ou não nos fatos e distorça a realidade através de (des)construções subjetivas. Por exemplo: as cenas e cenários de um lugar qualquer, seja ele dentro de uma cidade ou na zona rural, de uma casa ou de uma paisagem, de um grito ou de um choro, de uma forma de se vestir ou de falar; serão lidas de acordo com quem as vê. Quase sempre essas interpretações são feitas de longe e/ou de um lugar que não leva em consideração a realidade interpretada.

O naturalista prussiano Hermann Burmeister (1980), quando esteve no Rio de Janeiro em 1850 se deparou com um grande número de pessoas de pele escura e foi dominado pelo ímpeto de sabê-las. Entretanto, caiu no que chamamos o tempo todo de “inferência do olhar” ao afirmar que “interesse muito maior é o que desperta, no estrangeiro, a população de cor do Rio de Janeiro. O que dela se vê compõe-se quase exclusivamente de escravos.” No caso do naturalista prussiano, nos pareceu que em seu relato ele foi dominado pelo choque entre sua cultura e a presenciada por ela no Rio de Janeiro. Na verdade, ele achou exótico algo que para os nativos era muito natural. Nesse caso, é provável que sua referência cultural, espelhada em sua própria cultura, tenha levado Hermann a interpretar a cena precipitadamente antes de entender o que presenciou.

Por isso, ao se estudar um relato de viagem deve-se:

avaliar o período em que se escreveu o texto (durante ou após a jornada); a forma como foi elaborado o relato (narrativa, memória, cartas, diário etc.); e quando se publicou o texto, se for o caso. Mas, antes de qualquer coisa, devemos nos perguntar quem é o escritor do relato ou quem “ele quer ser”. Em muitos casos, o autor pode sobrepujar esta ou aquela experiência ou carregar nas tintas sobre determinados perigos, no intuito de ressaltar suas qualidades e reputar a sua experiência em lugares distantes de casa (JUNQUEIRA, 2011, p. 47).

Por isso, afirmamos que as informações contidas nos relatos de viagem são sempre coletadas através de cenas descritas pelo olhar de quem observou e não de quem foi observado, portanto, as interferências daquele(a) que testemunhou, analisou e relatou, posteriormente, podem nos apresentar, não só elementos extraídos da realidade do observado, mas também opiniões e pontos de vista que distorceram a mesma realidade.

Sobre isso, Louis Agassiz diz:

Hoje, algumas senhoras e eu fomos a terra, e, depois de termos escolhido residência, demos algumas voltas de carro pela cidade. O que chama desde logo a atenção no Rio de Janeiro é a negligência e a incúria. Que contraste quando se pensa na ordem, no asseio, na regularidade das nossas grandes cidades! Ruas estreitas infalivelmente cortadas, no centro, por uma vala onde se acumulam imundícies de todo gênero; esgotos de nenhuma espécie;³⁵ um aspecto de descalabro geral, resultante, em parte, sem dúvida, da extrema umidade do clima; uma expressão uniforme de indolência nos transeuntes: eis o bastante para causar uma impressão singular a quem acaba de deixar a nossa população ativa e enérgica (AGASSIZ, 2000, p.67).

O trecho acima nos mostra algumas cenas que evidenciam interpretações negativas que partiram do estrangeiro, mas que para a cultura que o recebeu eram naturais, parte do cotidiano e, portanto, legítimas, já que a maioria da população do Rio de Janeiro, principalmente os negros, não haviam conhecido outras culturas. Uma clara falta de referências culturais para se compararem. No caso do estrangeiro, além do olhar racista que desconsiderou todo o processo antropológico de construção do sujeito, ele deixou claro que a sua maneira de interpretar uma nova cultura estava impregnada pelas suas referências culturais, por seus valores. No caso dos Agassis, não foi diferente. Em *Viagem ao Brasil 1865 – 1866*, boa parte de seus relatos apontou, de forma distorcida, as realidades culturais dos lugares visitados por eles. Em uma dessas distorções o pesquisador usou fotografias produzidas e arranjadas em estúdio para, posteriormente, convencer seus leitores e admiradores sobre a superioridade da raça branca sob a raça negra. Em nenhum momento o cientista fez uso de fotografias representando pessoas brancas e, muito menos, sem vestes. Ao invés disso, usou imagens retratadas a partir de estátuas clássicas como modelos e, absurdamente, as comparou às imagens dos nativos brasileiros. Por isso, concluímos que o caminho escolhido para tratar as descrições e registros das representações interpretadas por Louis Agassiz, tal como seus métodos para se chegar a um determinado resultado, apontou que suas verdades não foram condizentes com a realidade cultural do outro.

Apesar das representações contidas nos relatos de viagem terem se transformado em fontes usadas na construção identitária de novas sociedade. Ao longo do tempo, muitas vezes as interpelações do viajante, dotadas de silogismos, revelaram uma estratégia de pesquisa embasada na noção da representação indutiva, configurando-se na representação de uma cultura criada e formulada pelo outro. Sobre isso Chartier (2002,

p.17) afirma que: “em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada e dada a ler”.

4. Nos relatos de viagem o olhar feminino e seu lugar de fala

Por apresentar um caráter bastante específico em seus textos, seja pela forma pessoal de escrever ou por interferência de seu próprio universo, os relatos de viagem escritos por mulheres ganharam cada vez mais espaço dentro do meio literário. Entretanto, sempre existiu discriminação à sua escrita em relação a dos homens. Para o cânone literário, geralmente masculino, branco e conservador, a escrita feminina em forma de relatos de viagem sempre foi considerada distração. Por outro lado, os relatos de viagem produzidos pelos homens, por serem considerados experimentos científicos, se transformaram em literatura, documentos, ofícios ou notícias.

Inúmeras vezes os detalhes que envolviam a escrita de uma mulher ao relatarem outras mulheres não eram considerados, segundo o cânone, por falta de evidências físicas,⁴ apesar de seu contato com o outro durante o processo de coleta de dados para sua escrita sempre haver se dado no campo físico. Era como se a percepção feminina e a experiências subjetivas e detalhistas vividas por mulheres não aparecesse em sua escrita. Sobre esse aspecto Leite (1997, p.16) aponta que: “a expectativa de que as autoras mulheres apresentassem uma perspectiva diferente e alguma identificação com as mulheres do país visitado nem sempre se comprovou. É difícil, sob esse ponto de vista, distingui-las dos autores homens.” Contudo, foi pelas mãos de uma mulher, Elizabeth Agassiz, que *Viagem ao Brasil 1865 – 1866*, ganhou um status mais humanísticos. Na realidade, a obra parte dos escritos de seu diário. Seu marido, Louis Agassiz, tem um papel bem menor na escrita do livro já que a maior parte dele foi produzida a partir das observações de sua esposa no campo das histórias naturais, trechos de cartas enviadas por ela ao Imperador D. Pedro II e por meio de algumas notas explicativas.

Elizabeth nutriu seu diário com inúmeras informações que contribuíram para que ele se tornasse bastante rico. Tanto é que entre vários relatos sobre a Amazônia o seu foi considerado o mais preciosas em informações. Outro aspecto relevante em seus escritos está relacionado à forma simples com que ela os produziu. Sua maneira direta e clara de relatar os fatos contribuiu significativamente para que a obra se tornasse mais prazerosa

4 A própria escrita por si só se torna uma prova concreta, porém, o que se pondera aqui é a não comprovação de uma identificação por parte dessas mulheres autoras que quase sempre ficavam no anonimato em detrimento de seus maridos ou por causa do preconceito existente pela escritas delas dentro do círculo literário.

e mais fácil de compreender, além de diferenciá-la e distanciá-la dos tratados escritos pelos naturalistas mais tradicionais. É impossível não reconhecermos a sensibilidade e a minuciosidade no olhar de Elizabeth ao relatar hábitos sociais e intelectuais da gente que a cercava. Como ela passou boa parte do seu tempo junto às mulheres; por vezes a escritora relatou detalhadamente a maneira como elas se comportavam e se vestiam.

Em um de seus relatos Elizabeth Agassiz diz que:

[...] as mulheres em particular têm as formas muito belas e um porte quase nobre. Sinto sempre o mesmo prazer em contemplá-las quer na rua quer no mercado, onde se veem em grande número, pois as empregam mais como vendedoras de frutas e legumes do que como criadas. Dizem que há, no caráter dessa tribo, um elemento de independência indomável que não permite empregá-la nas funções domésticas. As mulheres têm sempre a cabeça coberta com um alto turbante de musselina e trazem um longo xale de cores berrantes, ora cruzado sobre os seios, ora negligentemente atirado ao ombro, ou então, se faz frio, estreitamente enrolado em volta do busto, com os braços metidos em suas dobras. A diversidade de expressões que elas sabem, por assim dizer, tirar das diferentes maneiras de usar esse xale é de fato surpreendente (AGASSIZ, 2000, p.102).

O curioso é que todas as menções e citações direcionadas ao livro *Viagem ao Brasil 1865 – 1866*, em livros, em artigos, em revistas ou em jornais não reconhecem Elizabeth Agassiz como autora. A referência da autoria fica sempre a cargo exclusivamente de Louis Agassiz; ainda que quase toda a obra tenha sido escrita por ela.

Se não fosse as mãos e o olhar de outra mulher, a cafuza Alexandrina, Elizabeth Agassiz não seguiria pesquisando e catalogando uma diversidade de espécies vegetais ao desbravar a exótica Amazônia. Sem a presença de Alexandrina⁵ e sem seus conhecimentos empíricos e geográficos sobre a Amazônia não haveria qualquer possibilidade de captar a riqueza de informações contidas na região. Alexandrina, que ficou conhecida como ‘a aprendiz do naturalismo’ era uma mestiça de negros com índios que conhecia como a palma de suas mãos milhares de espécies de plantas nativas, assim como seus frutos. Por ter se mostrado uma exímia guia pela floresta, sua valorosa contribuição lhe rendeu um registro que foi publicada no diário.

Nele Elizabeth Agassiz relata que,

decididamente alexandrina foi uma preciosa aquisição, não somente no ponto de vista doméstico, como também no científico. Ela aprendeu a limpar e preparar muito convenientemente os esqueletos de peixes e se tornou muito útil no laboratório. Além disso, conhece

5 Uma das primeiras mulheres brasileiras a fazer parte de uma expedição dedicada a descobertas científicas na região amazônica.

todos os caminhos da floresta e me acompanha nas minhas herborizações. Com essa agudeza de percepção própria às pessoas cujos sentidos têm sido profundamente exercitados, ela distingue imediatamente as menores plantas em flor ou em fruto. Agora então que ela sabe o que eu procuro, é uma auxiliar muito eficiente. Ágil como um macaco, num abrir e fechar de olhos ela sobe até o alto das árvores para colher um galho florido; e aqui, onde numerosas árvores se elevam a grande altura sem que o tronco se ramifique, uma auxiliar como ela não presta medíocre auxílio (AGASSIZ, 2000, p. 230).

Louis Agassiz acreditava que Alexandrina era dotada de uma inteligência herdada do índio; somada à facilidade em adaptar-se, assim como o negro. Um pensamento baseado no racismo científico; ideologia defendida por Louis, um dos principais representantes dessa vertente. Para entendermos a linha de pensamento de Agassiz, Mary Pratt (1992, p.31-32) nos diz que “os sujeitos são constituídos nas e pelas relações uns com os outros”, com resultados inesperados e, em geral, em intercâmbios desiguais de poder.”

Ainda sobre a relação de poder entre gênero e raça; somente depois da segunda metade do século XIX, as mulheres começaram a sair das sombras e aos poucos foram ganhando espaço até conseguirem assumir seus lugares como pesquisadoras. Essa inclusão tardia acabou contribuindo para pluralizar os olhares e diversificar a forma como se lia e se interpretava o outro e o mundo.

Com o passar do tempo, o perfil daqueles que buscavam por viagens dedicadas aos relatos, mudou vertiginosamente. Se nos séculos anteriores, os relatos eram massivamente produzidos por integrantes de congregações religiosas, colonizadores que buscavam somente explorar materialmente as terras por onde passavam e cientistas (homens) ávidos por descobertas; não tardou muito para que essa realidade mudasse. Com a chegada do século XX os grupos que integravam as viagens se tornaram cada vez mais heterógeno. A mudança contribuiu fortemente para o crescimento e valorização dos relatos femininos e para a emancipação das mulheres. Conseqüentemente, o papel da mulher passou a ser fundamental para se explorar, não só a escrita de relatos, mas também a própria pesquisa científica, a partir de seu próprio olhar. Desde então, as pesquisas, os relatos, as transcrições de cartas - revelando as múltiplas impressões sobre as expedições -, se materializaram a partir das mãos, das ideias e das decisões que já não eram mais exclusivamente masculinas.

5. O preconceito por trás dos relatos

Em parte dos relatos de viagem, publicados na obra *Viagem ao Brasil (1865 – 1866)*, as questões raciais ficam bastante evidentes. Um exemplo é quando Elizabeth

Agassiz e Louis Agassiz, sustentam que uma das questões mais complexas para se conseguir aumentar a população da região amazônica estava ligada à própria população existente ali.

De acordo as sustentações dos autores, os indivíduos de pele branca que se assentaram por lá acabaram impelidos a adotar costumes e princípios das raças, dito por eles; inferiores. Portanto, a população branca, ao adotar aspectos humanísticos relativos à índole, ao caráter, ao temperamento e principalmente à estrutura dos não brancos contribuíram para a criação de um fenômeno único; onde uma raça considerada ‘superior’ e ‘civilizada’ se rebaixou ao nível de uma cultura considerada selvagem.

Na visão de Louis Agassizes, a mestiçagem no Brasil não deveria ter ocorrido. Para ele a mistura empobreceu a raça branca e degenerou sua pureza. Sua posição ideológica agradou à elite norte-americana da época e contribuiu de forma sistêmica com a vertente política estadunidense que pregava a supremacia branca enquanto os negros eram segregados.

Em um de seus relatos Louis Agassiz defende que,

aqueles que põem em dúvida os efeitos perniciosos da mistura de raças e são levados, por uma falsa filantropia, a romper todas as barreiras colocadas entre elas, deveriam vir ao Brasil. Não lhes seria possível negar a decadência resultante dos cruzamentos que, neste país, se dão mais largamente do que em qualquer outro. Veriam que essa mistura apaga as melhores qualidades quer do branco, quer do negro, quer do índio, e produz um tipo mestiço indescritível cuja energia física e mental se enfraqueceu (AGASSIZ, 2000, p. 282).

Contudo, imerso em convicções seivadas por ideias de uma ciência racial, Louis Agassiz analisou a mistura de raças encontrada no Brasil através de distorções e interpretações sobre uma cultura que ele pareceu não conhecer e muito menos aceitar. O cientista, por meio de observações subjetivas e nada ontológicas, chegou a comparar negros e índios a espécies de primatas.

Como demonstra no relato a seguir:

O que à primeira vista logo me impressionou ao ver índios e negros reunidos foi a diferença marcada que há nas proporções relativas das diferentes partes do corpo. Como os macacos de braços compridos, os negros são em geral esguios; têm pernas compridas e tronco relativamente curto. Os índios, ao contrário, têm as pernas e braços curtos e o corpo longo; sua conformação geral é mais atarracada. Prosseguindo na minha comparação direi que o porte do negro lembra os Hilobatas esguios e irrequietos, ao passo que o índio tem algo do orango; inativo, lento e pesado (AGASSIZ, 2000, p. 282).

A partir das perspectivas que envolveram questões raciais para explicar a origem das espécies, os Agasses difundiram a teoria de biogeografia estática que carregou como pano de fundo, o mais puro preconceito racial. Em nome da ciência, a expedição no Brasil acabou servindo como um trampolim para promover teorias preconceituosas a respeito da cultura encontrada na região amazônica. O preconceito não se restringiu somente aos pensamentos raciais e distorcidos de Louis; sua esposa, Elizabeth, também os compactuou. A Sra. Agassiz pareceu não compreender as diferenças e peculiaridades culturais dos povos que analisou, embora, tais análises se parecessem mais a uma execração cultural; permeada por interpretações sombrias e equivocadas sobre uma sociedade completamente díspar da realidade que ela conhecia. Como se não bastasse, na tentativa de encontrar algum traço que distinguisse um casal indígena dos animais irracionais na tentativa de aproximá-los aos humanos,

Elizabeth relatou:

Poder-se-ia crer que as tatuagens desses índios fariam necessariamente desaparecer todo traço de beleza física. Isto não se dá com o casal que temos diante de nós. Os traços são finos, o arcabouço é sólido e firme, mas não pesado, e no seu porte há mesmo uma dignidade passiva que se nota apesar da tatuagem. Não conheço nada mais calmo que a fisionomia do homem; não é uma estupidez obtusa, pois o olhar é observador e denota sagacidade, mas conserva uma expressão de tranquilidade tal que não se pode imaginar que tenha ou possa ter alguma vez outra diferente (AGASSIZ, 2000, p. 486).

A partir dos apontamentos acima, concluímos o quão pernicioso pode ser o gênero relato de viagem se o viajante não se desvela das suas realidades preexistentes. Ao se inferir realidades e verdades na construção dos sujeitos; certamente se incorre a erros que podem gerar mais dúvidas e inconsistências ao leitor do que elucidarem fatos contados. O problema é que no fim, o relato do viajante perde seu status grande contribuição para o conhecimento e passa à construções vazias e equivocadas.

6. O criador: um olhar branco sobreposto à toda civilização

Aos olhos de Louis Agassiz (1868) e de sua esposa Elizabeth, a sociedade que se formou nas regiões sudeste (Rio de Janeiro), nordeste (Recife) e, principalmente, na região amazônica, era formada por pessoas incultas e inferiores que ultrajavam e deturpavam a raça branca; considerada por ele e por muitos da época como pura. Na convicção de Louis, o branco foi enviado por Deus para ultrapassar barreiras geográficas e se sobrepor aos demais seres do planeta.

O cientista suíço, dentro de sua perspectiva higienista, defendia que o traço distintivo dos brancos não era somente de natureza física ou genética, mas, moral; característica essencial para se distinguir o indivíduo. Convicto de suas ideias, foi além ao afirmar que somente a moralidade podia acercar o homem a Deus. Segundo ele, a Divindade, por sua vez, conferiu direitos aos brancos sobre o resto da criação.

Para Louis Agassiz, Deus fez sua escolha pelos brancos e, sob a premissa das *províncias zoológicas*,⁶ ele seguiu defendendo piamente que os demais seres do planeta estavam condenados a existências locais. Ao homem branco, coube ser dono do mundo inteiro. É bem verdade que devemos considerar os estudos e os pensamentos que dominavam as mentes naquela época, mas, o nosso intuito é apontar como os relatos de viagem podem distorcer a verdade ou a própria história, se estiver carregado de idealismos e proposições monocráticas advindas do sujeito que narra a outra cultura.

7. Os relatos e a exclusão das vozes

Ao se analisar os relatos escritos a partir da expedição de Louis e Elizabeth Agassiz ficou evidente o silenciamento das vozes do povo negro, índio, branco, cafuzo, mameluco e caboclo. Portanto, faltou ouvir a voz dos donos da terra, das pessoas pertencentes à cultura estabelecida no Brasil antes, durante e depois da colonização. Ao que nos pareceu; além de suprimir a voz dos donos da terra, em momento algum os viajantes mostraram-se preocupados em pensar ou afirmar as culturas encontradas por eles, considerando suas diferenças, ambiguidades e particularidades. Ao chegarem em terras tão distantes e distintas das suas, olharam pela fresta da porta, com seus olhares já pré-estabelecidos e munidos de grandes expectativas, buscando realidades contrárias às que já haviam se estabelecido em terras brasileiras. Ou melhor, que ainda se estabeleciam. Se nos debruçarmos sobre os relatos de Louis Agassiz, com uma percepção ampla e crítica perceberemos que em nenhum momento se considerou o enorme distanciamento existente entre uma cultura miscigenada ainda em formação e outra mais sólida que a silenciou.

Em realidade, não existiu um enredo contado sob a perspectiva mestiça, indígena, negra ou branca; protagonizado pelo sujeito revelado. O que houve foram construções de realidades pensadas, recriadas, distorcidas e apagadas que foram usadas para criar no imaginário dos longínquos e desavisados leitores uma cultura representada

6 províncias zoológicas: corrente teórica que usa a fixação do homem pelo planeta para explicar que o povoamento do mundo partiu exclusivamente das mãos de um criador branco.

pelo distanciamento de quem a contou a partir de sua própria realidade. Um processo que retirou a voz de quem deveria contar a sua própria história, criando a representação daqueles que não se representam. Na verdade, a fala daqueles que foram encontrados aqui não foi escutada por meio de suas vozes, mas, entendida e relatada ao mundo através dos seus gestos, dos seus aspectos físicos, da sua cor de pele, da sua moral e, principalmente, por meio da sua constituição híbrida e congênita; contada e interpretada através dos olhos daqueles que não ouviram e não enxergaram.

Considerações finais

A partir das análises realizadas neste texto em torno dos equívocos inerentes ao gênero Relatos de Viagem [tema de nosso objeto], considera-se que alcançamos importantes resultados através da ampla investigação sobre o tema. Em nossa pesquisa, apontamos o quão tendencioso foi traduzir o outro, suas formas comportamentais envolvendo o gênero, a raça, o tempo, o espaço e os valores morais por parte de quem traduz sem qualquer critério científico, antropológico ou ontológico, desconsiderando a subjetividade das culturas observadas. Acredita-se que todas as questões abordadas neste ensaio se confluíram sistematicamente para que chegássemos às respostas comprovadoras da crítica levantada em torno do nosso objeto. Portanto, percebemos que apesar da literatura de viagem apresentar uma natureza informativa e investigativa - ainda que seja produzida por meio dos olhares do viajante -, entendemos que os relatos de viagem podem fazer como que toda e qualquer cultura; ainda em processo de formação, corra o risco da sua história ser relatada de forma manipulada e equivocada por aqueles que não a compreenderam. Por isso, procuramos demonstrar o quanto esse gênero se tornou uma via de mão dupla ao representar um valioso registro de narrativas sociais e culturais de um povo, e, ao mesmo tempo, se tornou um exemplo de como essas narrativas podem estar contaminadas negativamente pelo imaginário daqueles que as reproduziram. Desse modo, os relatos de viagem podem conter em seu corpus representações de costumes e hábitos de uma determinada cultura contados a partir de implicações influenciadas por costumes, crenças e realidades outras que não correspondem a verdade dos fatos narrados. Apesar das ressalvas apontadas em nossas investigações a respeito do gênero relato de viagem, quando aplicado de forma séria e sem afirmações ideológicas de qualquer natureza; reafirmamos sua importância para o entendimento sobre novas culturas. Reiteramos a importância da Literatura de Viagem para se avançar nas buscas por caminhos que levam à compreensão do outro no campo

social, individual ou cultural a partir dos próprios sujeitos. Entendemos que a imparcialidade ao se analisar, se catalogar e se publicar dados acerca de outros modos de vida é um aspecto preponderante para aqueles que fazem uso da escrita com a finalidade de contribuir com uma ciência que produza conhecimento respaldado por teorias sem viés ideológico. Esperamos que os temas abordados nesse ensaio contribuam para que os leitores viajantes, ao construírem suas narrativas sobre outros sujeitos, assim como sobre as suas culturas; pensem na importância de se ter consciência quando entramos em contato com realidades distintas às nossas para extrair informações que possivelmente se tornarão verdades no inconsciente popular. Por fim, demonstrou-se que narrar não é apenas se ater a cronologias de qualquer natureza que levam somente à produção de narrativas carregadas de subjetivismos. Relatar é construir pontes e fazer histórias ao invés de suprimi-las

REFERÊNCIAS

AGASSIZ, Luiz e AGASSIZ, Elisabeth. *Viagem ao Brasil: 1865-1866*. Brasília, 2000. Disponível em: <https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/1048/584305.pdf>. Acesso: 15/04/2021.

BENDIXEN, Alfred e HAMERA, Judhit. *The Cambridge Companion to American Travel Writing*. Cambridge. P. 279. 2009.

CARR, Helen. et.al., *Modernism and travel*. In: HULME, Peter; YOUNGS, Tim (orgs). Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

CHARTIER, R. *À beira da falésia: a história entre incertezas e inquietude*. Porto Alegre: UFRGS, 2002.

JUNQUEIRA, Mary Anne e FRANCO, Stella Maris Scatena (Orgs). *Cadernos de Seminários de Pesquisa - Volume II*. São Paulo: Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo; Humanitas, 2011. ISBN: 978-85-7732-154-4. Disponível em: <<http://historia.fflch.usp.br/sites/historia.fflch.usp.br/files/CSP2.pdf>>(link is external). Acesso em: 14/04/ 2021.

LEITE, Miriam L. Moreira. *Livros de viagem*. Rio de Janeiro, Editora UFRJ, 1997.

MATTA, Roberto, *Relativizando: Uma Introdução à Antropologia Social*. Rio de Janeiro, Petrópolis: editora Vozes Ltda. 1981. P. 27. Disponível em: <https://es.slideshare.net/andersonalvarez1044/relativizando-uma-introduo-antropologia-social-roberto-da-matta>. Acesso: 12/04/2021.

Leituras complementares:

CASTRO, Julia. O testemunho de viagem: entre referências desgastadas e influência do mercado turístico. *Ateliê Geográfico*, v. 10, n. 3, p. 253, dez./2016. Disponível em: <file:///C:/Users/Andre/Downloads/29647-Texto%20do%20artigo-191660-1-10-20170226.pdf>. Acesso: 9/04/2021.

FRANCO, Stella. Viagem e gênero: tendências e contrapontos nos relatos de viagem de autoria feminina*. São Paulo, 2016, p. (introdução). Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/cpa/n50/1809-4449-cpa-18094449201700500016.pdf>. Acesso: 03/04/2021.

GUERREIRO, Isaac. Mulheres que fizeram parte da construção do que é a Amazônia. *Portal da Amazônia*. Publicado em: 08/03/2017. Disponível em: <http://portalamazonia.com/noticias/mulheres-que-fizeram-parte-da-construcao-do-que-e-a-amazonia>. Acesso: 2/04/2021.

MATTA, Roberto, *Relativizando: Uma Introdução à Antropologia Social*. Rio de Janeiro, Petrópolis: Vozes, 1981. Disponível em: <https://es.slideshare.net/andersonalvarez1044/relativizando-uma-introduo-antropologia-social-roberto-da-matta>. Acesso: 7/04/2021.

PRATT, Mary Louise. *Os olhos do império. Relatos de viagens e transculturação*. São Paulo: Edusc, 1992, p. 31-2.

SANTOS, Fabiane. "Brincos de ouro, saias de chita": mulher e civilização na Amazônia segundo Elizabeth Agassiz em Viagem ao Brasil (1865-1866). *História, ciência, saúde-Manguinhos*, vol.12, n.1, p. 11-12. Rio de Janeiro, jan.-abr. 2005. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-59702005000100002. Acesso: 10/4/2021.

SCHEMES, Elisa. A literatura de viagem como gênero literário e como fonte de pesquisa. *XXVIII Simpósio Nacional de História*, Florianópolis, 2013. http://www.snh2015.anpuh.org/resources/anais/39/1439245917_ARQUIVO_2.ARTIGOANPUH2015Elisa-Final.pdf. Acesso: 13/04/2021.